

# PROCESSO EDUCATIVO DE TRABALHO: PROTAGONISMO DA CLASSE TRABALHADORA E SOLIDARIEDADE SOBRE A CRISE PANDÊMICA

## EDUCATIONAL WORK PROCESS PROTAGONISM OF WORKERS AND SOLIDARITY ABOUT THE PANDEMIC CRISIS

Lucivania S. Moura<sup>1</sup>

Erivaldo S. de Jesus<sup>2</sup>

Sara de S. Silva<sup>3</sup>

José Raimundo O. Lima<sup>4</sup>

### RESUMO

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre a iniciativa dos trabalhadores da agricultura familiar apresentada em forma de *drive thru* na Feira de Saberes e Sabores, que é composta atualmente por 21 empreendimentos e faz parte do projeto acompanhado pela Incubadora de Iniciativas da Economia Popular e Solidária da UEFS (IEPS-UEFS). O *drive thru* foi pensado para viabilizar formas de comercialização no contexto de calamidade sanitária (covid-19). Como resultado do processo de organização do trabalho, inferiu-se que a maioria dos agricultores vive de seu trabalho e protagonismo, consubstanciados na comercialização no espaço da feira. Com efeito, esses sujeitos ficaram impossibilitados de ofertar o excedente de sua produção, e essa necessidade, articulada ao processo educativo de trabalho, metodologia-base da incubação de iniciativas populares desenvolvida pela IEPS-UEFS, os levou a se apropriar de tecnologias digitais para dinamizar um conjunto de elementos capaz de resultar em uma forma de protagonismo do trabalho organizado.

**Palavras-chave:** feiras agroecológicas, economia popular e solidária, *drive thru*.

### ABSTRACT

In this work, the objective is to reflect on the initiative carried out by family farm workers in the form of *drive thru* organized through the Knowledge and Flavors Fair, a fair currently composed for 21 initiatives that benefit 49 families, on average, that is part of the project accompanied by the Incubator of Initiatives of the Popular Economy and Solidarity of UEFS (IEPS-UEFS). The *drive thru* was designed to enable ways of commercialization in order to enable the generation of work and income in the context of sanitary calamity (covid-19). As a result of the work organization process, it was inferred that the majority of farmers live from their work, from their role embodied in the commercialization in the fair space. These subjects were unable to offer the surplus of their production, whose need articulated to the educational work process

---

<sup>1</sup> Licenciada em Geografia pela Universidade Estadual de Feira de Santana-BA, graduanda em Engenharia Agrônoma pela UEFS e bolsista de Iniciação Científica da Incubadora de Economia Popular e Solidária (IEPS-UEFS).

<sup>2</sup> Graduando em Engenharia Agrônoma pela UEFS e bolsista de Iniciação Científica da Incubadora de Economia Popular e Solidária (IEPS-UEFS). Técnico em Agropecuária pela Casa Familiar Rural (CFR-PTN).

<sup>3</sup> Graduanda em Ciências Econômicas pela UEFS e bolsista de Iniciação Científica da Incubadora de Economia Popular e Solidária (IEPS-UEFS).

<sup>4</sup> Doutor em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Professor do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial (PLAN TERR), do Departamento de Ciências Sociais e Aplicadas e coordenador do Projeto de Pesquisa Incubadora de Iniciativas de Economia Popular e Solidária da UEFS (IEPS-UEFS).

made them appropriate digital technologies in the perspective of dynamizing themselves in a set of elements capable of resulting in a protagonism of the work organized.

**Keywords:** agroecological fairs, popular and solidarity economy, drive thru.

## 1. INTRODUÇÃO

A Feira de Saberes e Sabores da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) é resultado de um projeto de extensão que vem sendo pensado desde 2010 pelo programa Incubadora de Iniciativas da Economia Popular e Solidária da UEFS (IEPS-UEFS) como um espaço de experiências que envolvam outras formas de produzir e comercializar, compondo relações de trabalho diferenciadas ou, por vezes, divergentes da esfera mercadológica. Com isso, ela se constitui em um espaço plural, que proporciona o encontro entre o saber popular e o acadêmico, cultural, solidário e de lutas a favor da produção da existência e reprodução da vida.

Nessa perspectiva, podemos ressaltar que a Feira vem sendo um marco de lutas pelo espaço público acadêmico. Sua criação foi constituída pelas(os) próprias(os) agricultoras(es) que obtiveram contato com a IEPS e entenderam que o espaço acadêmico não era apenas oferecido para a ciência, mas também para os processos organizativos populares.

Quanto ao espaço da Feira, sua localização atual (canteiro central da universidade) foi conquistada por meio da articulação de agricultoras e agricultores que já realizavam nas cantinas (espaço de alimentação) feiras menores, que eram acompanhadas pela IEPS. Após montarem sua estrutura em diversos outros espaços da universidade, a Feira seguiu crescendo, de forma que tais locais se tornaram inadequados para sua realidade. Sendo assim, de modo coletivo, a Feira conquistou a parte central da universidade, local em que, atualmente, é realizada semanalmente. A Feira de Saberes e Sabores constituiu-se, assim, em um espaço para comercialização de produtos saudáveis e naturais, obtidos da agricultura familiar e seguindo princípios solidários, tais como a não exploração do trabalho e o respeito aos meios organizativos de vida, associativos, cooperativos, bem como outras formas de trabalhos coletivos.

No entanto, devido à grave crise sanitária gerada pela pandemia de covid-19 em 2020 e a conseqüente suspensão das atividades presenciais na universidade, a realização da Feira tornou-se impraticável e, por conta disso, a maioria dos feirantes sofreu uma redução drástica em sua renda, o que os levou a buscar uma alternativa viável para a comercialização dos seus produtos. Para tanto era necessário responder a uma questão estratégica: como viabilizar a chegada da produção à mesa das(os) consumidoras(es) em meio a uma pandemia?

As trabalhadoras e os trabalhadores enfrentaram essa questão de forma coletiva por meio de espaços de diálogo e, para tanto, lançaram mão de ferramentas tecnológicas, tais como redes sociais e aplicativos de mensagens (Whatsapp, Instagram, entre outros), cuja manipulação se consubstanciou em um processo educativo à parte, mas compreendido como parte integrante do processo educativo e organizativo de trabalho.

Diante do exposto, este trabalho tem como objetivo fazer uma reflexão sobre a iniciativa das trabalhadoras e dos trabalhadores da agricultura familiar de adaptar a Feira de Saberes e Sabores da UEFS – que faz parte do projeto de incubação de grupos populares solidários realizado pelo Programa Incubadora de Iniciativas da Economia Popular e Solidária da UEFS (IEPS-UEFS) – para o formato *drive thru* no ano de 2020.

Adotou-se para isso a metodologia da pesquisa-ação (THIOLLENT, 2011), por compreender a mobilização e a integração entre feirantes, pesquisadores extensionistas e voluntários e participantes-consumidores como uma etapa desafiadora do processo organizativo

de trabalho, desenvolvido na forma de incubação de iniciativas populares pela IEPS-UEFS. Foram realizadas entrevistas sociodemográficas para o acesso enquanto membro da Feira, bem como a observação-participante, que se deu pelo acompanhamento da rotina de trabalho do grupo de feirantes autogestionários assistidos pela UEFS, compreendida esta como espaço total de integração de todos e todas. As discussões teóricas, bem como a análise dos dados, buscaram identificar elementos ou características da Economia Popular e Solidária, assim como suas relações temáticas, em especial o trabalho organizado das trabalhadoras e dos trabalhadores da agricultura familiar, temas pautados pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Economia Popular e Desenvolvimento Local Solidário (GEPOSDEL) ao longo do ano, como suporte teórico para todos os processos de incubação em curso na IEPS.

Partido dessa perspectiva, este trabalho se propõe a refletir sobre o reflexo da solidariedade por meio do trabalho coletivo para a articulação de alternativas emergentes, diante do contexto de crise que impossibilita o escoamento da produção familiar. Assim, após a apresentação do histórico da Feira, serão discutidas nesse artigo algumas bases teóricas que ancoram os trabalhos da IEPS, tais como a Economia Popular e Solidária e a Agroecologia. Por fim, serão expostas as etapas que foram necessárias à realização do *drive thru*.

## **2. CONTEXTUALIZANDO O UNIVERSO DA FEIRA DE SABERES E SABORES DA UEFS**

O Programa IEPS-UEFS desenvolve atividades de incubação com grupos que se organizam com o intuito de buscar seu sustento por meio de uma forma diferenciada da lógica comum ao mercado, compartilhando ganhos, perdas, necessidades e aprendizagens. Nesse sentido, a IEPS, por meio do desenvolvimento de ações político-educativas de empoderamento de pessoas e comunidades na perspectiva das tecnologias sociais para o desenvolvimento local, vem se articulando em uma rede de agentes e iniciativas de economia popular solidária, juntamente a agricultoras e agricultores familiares, na construção e proposição de um espaço profícuo para a elaboração, valorização e troca de saberes associados aos conhecimentos científicos produzidos pela UEFS.

A Feira de Saberes e Sabores da UEFS atualmente é resultado do projeto de extensão desenvolvido pela IEPS-UEFS intitulado “Feira Livre e Itinerante como elemento central para o processo de desenvolvimento, reaplicação, aperfeiçoamento e avaliação de Tecnologias Sociais”. Apesar de sua organização mais concreta ter iniciado em 2017, sua trajetória é longínqua e de muitas lutas.

O projeto de uma feira permanente nasceu após o surgimento da Incubadora, porém só em 2017 essa ideia foi ganhando concretude, por meio da participação da IEPS em um curso de cooperativismo realizado na cidade de Coração de Maria-BA. Inicialmente, pensou-se em uma feira mensal, e esse projeto começou a ser gestado. Porém, incubadoras que trabalham com outras formas de produzir, opostas às práticas convencionais de mercado (competitividade, trabalho individual etc.), e que têm como base uma perspectiva popular, encontram no caminho muitas dificuldades para a continuidade de seus projetos, muitas delas de caráter financeiro. Dessa forma, o projeto de uma feira mensal ficou adormecido por alguns anos, nunca deixando, entretanto, de ser almejado. Apenas não foi possível realizá-la naquele momento de forma a contemplar tanto as(os) produtoras(es) quanto as(os) consumidoras(es).

Em 2015, a IEPS começou a dar seus primeiros passos em direção à concretização de uma feira permanente por meio da organização da Feira de Produção e Cultura Camponesa, realizada durante o II Seminário Internacional de Educação do Campo, no câmpus da UEFS.

Já em 2016 a IEPS realizou seu primeiro evento internacional, o I Congresso Internacional de Economia Popular e Solidária e Desenvolvimento Local: diálogo Brasil-Cuba (CIEPS), durante o qual aconteceu a I Feira de Economia Popular e Solidária da UEFS. Nesse evento, a incubadora teve a oportunidade de conhecer as iniciativas da região e estabelecer contato com seus responsáveis para uma possível seleção de grupos a ocupar as cantinas da universidade. Eles deveriam funcionar por meio de cooperativas e futuramente viriam, junto a suas comunidades, compor a Feira. No mesmo ano, essas iniciativas começaram a realizar feiras de pequeno porte nas imediações das cantinas acompanhadas pela IEPS. É importante pontuar que essas iniciativas entenderam seu espaço na universidade, e o resultado disso foram justamente as feiras realizadas nesse espaço.

Essa primeira edição possibilitou a organização de uma feira mensal, que continuou crescendo, tornando o espaço disponível insuficiente. Em 2017 realizou-se então a I reunião do Fórum de Iniciativas da IEPS, evento que tratou do caráter político das decisões de iniciativas participantes dos processos de incubação. Entre as ações a serem efetivadas como resultado da realização do Fórum se previa a criação da Feira Permanente da UEFS.

Inicialmente, a Feira funcionou com alguns descompassos de tempo, uma vez que era a primeira iniciativa desse tipo organizada pela IEPS, o que implicava a necessidade de ajustes operacionais. Em sua IV edição foram realizadas reuniões e rodas de conversa com o intuito de debater sua continuidade. O principal ponto discutido, com base da demanda das(o) s feirantes, foi a necessidade de um espaço permanente para sua realização, pois os locais onde vinha sendo realizada até então eram periféricos e, portanto, de pouca visibilidade. Além disso, faltavam recursos para garantir a ela uma estrutura adequada. Compreendendo a relevância dessas demandas, a UEFS concedeu aos(às) feirantes um toldo temporário, mas ainda assim a Feira precisou “caminhar com as próprias pernas”. Para tanto, as(os) feirantes organizaram iniciativas coletivas para arrecadar recursos de forma a possibilitar a garantia da estrutura.

A trajetória da Feira, desde sua concepção até a implementação, é sistematizada na Figura 1.

**FIGURA 1 – LINHA DO TEMPO COM AS ETAPAS DA FEIRA ATÉ OS DIAS ATUAIS**



Fonte: Elaborada pelos(as) autores(as).

Em 2020 a Feira de Saberes e Sabores estava em sua terceira edição e, apesar de se situar em um espaço fixo, tem funcionado como uma grande difusora das feiras agroecológicas em outros espaços do município de Feira de Santana. Isso porque a ideia é contribuir com a organização de outras feiras, levando até os interessados produtos de qualidade, bem como incentivando o consumo consciente, articulando o conhecimento científico ao popular por meio da experiência das e dos feirantes, aliada ao contato com a comunidade universitária.

Todo percurso trilhado até aqui tem como protagonistas as(os) próprias(os) feirantes e buscou estabelecer a relação entre três pilares: fazer a feira acontecer; contribuir para a criação da feira e aprender com o processo. Dentre esses três processos, talvez o mais importante seja o aprendizado, por estar acompanhado de uma autocompreensão política de classe ou do trabalho como elemento central do processo educativo.

Nesse ínterim, alcançar a comunidade externa é um dos principais intuitos da Feira, proporcionando, para além da oferta de produtos de qualidade e de entretenimento, a oportunidade de apresentar outro modelo de relação de trabalho, inerente à Economia Popular e Solidária (ECOSOL), que é a base de toda forma de pensar e trabalhar da própria IEPS.

### **O perfil das e dos feirantes**

A feira permanente da UEFS é composta atualmente por 21 iniciativas que beneficiam 49 famílias, em média. O universo de feirantes envolvidos é composto de trabalhadoras e trabalhadores que comercializam no centro da cidade ou por meio de atravessadoras(es) e também por aqueles que nunca trabalharam em espaços como o da Feira. Por essa razão, pode-se afirmar que uma parte de sua renda é resultado do retorno financeiro da Feira de Saberes e Sabores.

A Feira é diversificada, mas é majoritariamente composta por produtos artesanais, lanches, plantas ornamentais e cordéis, existindo um déficit de hortifruti, sendo essa a maior necessidade de oferta no momento, tendo em vista que a demanda por esses alimentos é relevante nas abordagens junto aos participantes da Feira. Considerando que a maioria das iniciativas é oriunda do município de Feira de Santana-BA, e que o clima local é desfavorável ao plantio de algumas culturas mais exigentes do ponto de vista hídrico, é compreensível a falta de oferta contínua de determinados produtos *in natura*. Ainda assim se iniciou um processo seletivo que abre vagas para agricultores desse segmento interessados em compor a Feira. A seleção também prioriza dar oportunidade para artesãos(ãs) cuja categoria de produto ainda não seja comercializada na Feira. O processo já passou pela fase de entrevistas e aguarda o retorno das atividades presenciais da universidade para ter continuidade.

Em trabalho realizado por estudantes, professoras e professores da IEPS em 2020, por meio da realização de entrevistas semiestruturadas com feirantes da Feira de Saberes e Sabores, ficou evidenciado que dentre as artesãs e os artesãos “a maioria da população é composta pelo sexo feminino (76%), destacando que a faixa etária da maioria está entre 41-60 anos de idade” (INCUBADORA... 2020, p. 1).

Parte dessas(es) feirantes são da zona rural de Feira de Santana-BA e, por regras da Feira, seguindo os princípios da Economia Solidária, todas(os) as(os) produtoras(es) devem comercializar a própria produção, que deve ser de origem sustentável e natural.

Como dito anteriormente, muitas(os) dessas(es) feirantes têm a maior parcela de sua renda composta pelo retorno da Feira, porém 53,66% (INCUBADORA..., 2020, p. 2) têm alguma atividade de renda complementar, ressaltando que nem todas(os) são exclusivamente

produtoras(es) ou atuam somente no ramo apresentado. Assim, as(os) feirantes desenvolvem uma pluralidade de atividades econômicas e nem todas(os) têm como atividade principal a produção própria.

### **3. ECONOMIA SOLIDÁRIA E A FEIRA DE SABERES E SABORES: CONSTRUINDO UMA PONTE**

A economia convencional preocupa-se em como alocar os recursos escassos que estão diretamente ligados ao bem-estar social ou simplesmente às necessidades de consumo. Tal economia caracteriza a realidade de forma racional e utilitária, tanto do ponto de vista dos meios de produção quanto do comportamento do mercado consumidor, levando em consideração, entre os fatores que influenciam a demanda, apenas a renda. Segundo Vasconcellos,

Economia pode ser definida como a ciência social que estuda como o indivíduo e a sociedade decidem utilizar recursos produtivos escassos, na produção de bens e serviços, de modo a distribuí-los entre as várias pessoas e grupos da sociedade, com a finalidade de satisfazer às necessidades humanas (2006, p. 3).

Entretanto, a economia não se resume à racionalidade matemática, podendo também ser definida como economia plural, que possibilita as diversas formas de produzir e distribuir riquezas. Fala-se, então, da construção de outra economia, com suas particularidades e singularidades, que possibilita a combinação de diversas lógicas econômicas. Segundo França Filho, “[...] a compreensão substantiva da economia pode, em resumo, associar a ideia de economia a toda forma de produção e de distribuição de riqueza – o que significa assumir o pressuposto básico de uma definição de economia como economia plural” (2007, p. 158).

Por meio dessa outra definição do conceito econômico, podemos perceber que este é o reflexo de manifestações reais de outras formas de produção da existência, principalmente, daquelas que orientam a maioria das camadas que sofrem as consequências do sistema do mercado capitalista e suas diretrizes. Isso acontece porque as empresas optam por diminuir seus custos para obter maiores lucros. Segundo essa lógica, a melhor alternativa seria a substituição do trabalho morto por trabalho vivo, ou seja, a de trabalhadoras e trabalhadores por máquinas, o que geraria aumento da produtividade. Em contrapartida, criar-se-ia uma massa de desempregados sem muitas alternativas de sobrevivência, formando uma economia de setores populares. Para Kraychete, Lara e Costa:

A *eficiência* dessa economia dos setores populares não pode ser aferida pela capacidade de seus integrantes transformarem-se em pequenos empresários, mas por sua capacidade de assegurar postos de trabalho e gerar alguma renda para um grande número de pessoas. A *racionalidade* dessa economia está ancorada na geração de renda destinada a prover e repor os meios de vida e na utilização dos recursos humanos próprios, englobando unidades de trabalho e não de inversão de capital. Ou seja, baseia-se na lógica da necessidade, expressando o reverso da lógica do capital, que desloca trabalhadores e fecha oportunidades de trabalho (2000, p. 17, grifos dos autores).

Segundo os autores, a economia dos setores populares é o meio de sobrevivência para as camadas que foram excluídas da formalidade. Ela não pode ser definida como uma legião de empreendedoras(es) qualificados(as) que competem entre si, mas sim como uma forma ainda muito precária de sobrevivência.

Já a Economia Solidária não surge somente para sanar as necessidades básicas das pessoas, mas também com uma perspectiva política e ideológica por meio da relação de trabalho coletivo, estimulando a autogestão dos indivíduos envolvidos. Assim, pensar em outra economia que possibilita uma forma de estratégia econômica social e popular é pensar em uma nova alternativa que viabiliza outras formas de relações de trabalho, a emancipação da classe oprimida e uma possibilidade de alocação das sujeitas e dos sujeitos na esfera do contingente social, entre outros fatores. Com isso, a Economia Solidária não se resume a uma alternativa de trabalho e renda. Na perspectiva de França Filho, essa outra economia seria caracterizada como

[...] economia de prossumidores, a regulação ocorre através de debates públicos no espaço associativo, num exercício de democracia local em que os próprios moradores planejam e decidem sobre a oferta de produtos e/ou serviços (ou seja, a criação das atividades socioeconômicas), em função de suas próprias demandas, que são identificadas previamente (2007, p. 161).

Assim, trazendo alguns elementos como base para o entendimento dessa outra economia dos setores populares e da Economia Solidária, podemos destacar a Economia Popular e Solidária, que tem como principal objetivo o protagonismo das pessoas inseridas, além de proporcionar o desenvolvimento local para a construção do comércio justo. Essa economia se propõe a ser uma estratégia de desenvolvimento local e solidário que contrapõe a ideia de competição, pois tem como principal característica a solidariedade. Segundo Lima, a Economia Popular e Solidária refere-se a uma tipologia econômica plural, mas, em específico

[...] seguem numa direção segundo as necessidades de reprodução da vida com base em uma demanda positiva não criada pela oferta indiscriminada de produtos, simplesmente para serem vendidos ou propiciar negócios que visam ao aumento das utilidades e riquezas concentradoras e não coletivizadas, mas por um consumo consciente e orientado segundo as necessidades reais dos sujeitos e das comunidades locais (2016, p. 4-5).

A Economia Popular e Solidária, em sua forma organizativa, é uma economia política dos setores populares (LIMA, 2016). Por essa razão, esse processo econômico orienta as camadas populares para a politização mediante a valorização do âmbito local, porque é por essa dimensão que se possibilita a democratização, as relações de solidariedade e a valorização do que é local.

Partindo dessa perspectiva, foram elencados no Quadro 2 alguns princípios gerais da Economia Solidária com o intuito de compará-los com as principais regras de funcionamento da Feira e descrever como esta se comporta em relação à teoria em discussão.

**QUADRO 2 – QUADRO COMPARATIVO ENTRE OS PRINCÍPIOS DA ECONOMIA SOLIDÁRIA, AS REGRAS DE FUNCIONAMENTO DA FEIRA DE SABERES E SABORES E A TEORIA**

<b>PRINCÍPIOS GERAIS DA ECONOMIA SOLIDÁRIA</b>	<b>REGRAS DE FUNCIONAMENTO DA FEIRA</b>	<b>ESPECIFICAÇÃO TEÓRICA</b>
Valorização social do trabalho humano.	Convivência baseada em valores como a gentileza, a não exploração, a justiça e o respeito à diferença.	“A empresa solidária se administra democraticamente, ou seja, pratica a autogestão” (SINGER, 2002, p. 18).

<b>PRINCÍPIOS GERAIS DA ECONOMIA SOLIDÁRIA</b>	<b>REGRAS DE FUNCIONAMENTO DA FEIRA</b>	<b>ESPECIFICAÇÃO TEÓRICA</b>
O reconhecimento do lugar fundamental da mulher e do feminino em uma economia fundada na solidariedade.	O sentido de convivência comunitária entre pessoas que se opõem ao preconceito fundado no gênero, na cor da pele, na religião, na classe social e se comprometem com as lutas contra todas as formas de violência e desrespeito contra mulheres, LGBTQI+, negros e negras, indígenas, idosos e idosas, crianças e outros grupos que historicamente têm sido vítimas da desigualdade e injustiça produzidas pelo modo predominante de viver em nossa sociedade.	[...] Assim, é nas associações com autogestão que os indivíduos excluídos do mercado de trabalho e que até então tinham apenas como possível a relação patrão e empregado, podem, pela primeira vez, experimentar "o gozo de direitos iguais para todos, o prazer de poderem se exprimir livremente e de serem escutados e o orgulho de perceber que suas opiniões são respeitadas e pesam no destino coletivo" (SINGER, 2000, p. 11).
A busca de uma relação de intercâmbio respeitoso com a natureza.	A luta por outras formas de produzir e trabalhar que respeitem os valores fundamentais da vida humana e o ambiente.	“[...] seguem numa direção segundo as necessidades de reprodução da vida com base em uma demanda positiva não criada pela oferta indiscriminada de produtos, simplesmente para serem vendidos ou propiciar negócios que visam ao aumento das utilidades e riquezas concentradoras e não coletivizadas, mas por um consumo consciente e orientado segundo as necessidades reais dos sujeitos e das comunidades locais” (LIMA, 2016, p. 4-5).
Os valores da cooperação e da solidariedade	A participação ativa para a construção coletiva da Feira e para contribuir com seu funcionamento de acordo com as regras do grupo.	“A Economia Popular Solidária é oriunda ‘do conjunto concreto das experiências, atividades e organizações econômicas que se encontram na intersecção entre economia popular e economia solidária’ (RAZETTO, 1997, p. 46). Ou seja, na Economia Popular Solidária, encontramos aspectos de solidariedade em empreendimentos organizados pela economia popular. Porém, nem toda economia popular é de solidariedade, e, para que seja caracterizada por Economia Popular e Solidária, é necessário que exista cooperação, ajuda mútua, ação coletiva e solidária entre os trabalhadores” (GOERCK, 2005, p. 8).

Fonte: Elaborado pelos(as) autores(as).

De acordo com a apresentação do quadro analítico, podemos perceber que o caráter da iniciativa é compatível com a teoria e os princípios da Economia Solidária, uma vez que as regras da Feira refletem uma perspectiva contra-hegemônica ao sistema capitalista de produção, alicerçada no respeito ao outro, no trabalho coletivo e na primazia da vida humana.

Outro pilar no qual a Feira de Saberes e Sabores está ancorada diz respeito à Agroecologia, que também está alicerçada nos princípios que orientam a Economia Solidária. Isso porque a Agroecologia, enquanto ciência,

procura de forma holística integrar as necessidades humanas e o ecossistema numa relação simbiótica observando não apenas uma produção que considera as especificidades do ambiente onde ela é gerada bem como as formas justas como essa produção é escoada (MOURA; TELES, 2019, p. 1).

Tal qual a ECOSOL, a Agroecologia vem tentando romper com os paradigmas impostos pelo capitalismo, fazendo um movimento que priorize a agrobiodiversidade, pela qual se consiga produzir alimentos respeitando a dinâmica natural do ambiente, que é sistêmico e tem um ritmo que não acompanha o compasso das necessidades humanas, cada vez mais imediatistas. A Agroecologia também tem sofrido com o reducionismo de seu significado. Cada vez mais tem-se atribuído seu conceito apenas a práticas agroecológicas. Sobre isso, Altieri defende que

A Agroecologia vai mais além do uso de práticas alternativas ou do desenvolvimento de ecossistema com baixa dependência de agroquímicos e de aportes externos de energia. A proposta agroecológica enfatiza agroecossistemas complexos nos quais as interações ecológicas e os sinergismos entre seus componentes biológicos promovem os mecanismos para que os próprios sistemas subsidiem a fertilidade do solo, sua produtividade e a sanidade dos cultivos (2002, p. 103-105).

Com efeito, compreende-se de maneira mais abrangente que “a agroecologia pretende apoiar a transição dos modelos atuais de desenvolvimento rural e a agricultura convencionais para modelos mais sustentáveis, a fim de estabelecer novos paradigmas através de um enfoque científico” (CAPORAL; COSTABEBER, 2004, p. 18). Porém, a agroecologia implica também uma mudança de valores, atitudes e na organização da sociedade como um todo em direção a relações mais saudáveis e justas para um bem-viver social.

Nesse sentido, não se pode discutir a agroecologia sem inserir o ser humano nesse contexto, pois o próprio termo *agrobiodiversidade* já infere a intervenção humana na natureza para satisfazer suas necessidades. Porém, nessa perspectiva, o ser humano não se comporta como explorador, mas sim como parte da natureza, cultivando espécies de interesse sem interferir de forma negativa no ecossistema, uma vez que a autossuficiência da produção implica no fato de que aquilo que é extraído seja compensado por meio do cultivo, devido a seu manejo correto e equilibrado.

Nesse ensejo é importante destacar que a agroecologia requer equilíbrio em toda a cadeia produtiva, e não apenas na forma de cultivar, dialogando também com processos justos de comercialização, tendo em vista que a busca exacerbada pelo lucro – mais uma consequência do capitalismo – tende a dificultar o escoamento da produção do pequeno agricultor, tornando-o dependente de atravessadoras(es). Desse modo, agricultoras e agricultores acabam tornando-se reféns desse sistema de mercado, no qual o preço é ditado pelas(os) atravessadoras(es) e a relevância de quem produz é apagada, o que não acontece na venda direta, na qual as agricultoras e os agricultores são protagonistas do processo.

Em se tratando dos produtos agroecológicos, sugere-se a utilização de circuitos de comercialização que encurtem o caminho da venda até o consumo, evitando perdas para as pessoas envolvidas, bem como proporcionando a troca direta de conhecimento sobre o trabalho em voga.

Nesse sentido, sem dúvida as feiras agroecológicas têm se constituído em espaços onde produtoras e produtores têm a oportunidade de escoar sua produção diretamente. E, para além disso tudo, é onde se põem à mostra todas as relações inerentes a espaços de convívio social mais orgânico e natural, não apenas no que diz respeito ao que se vende, mas também àquilo que se aprende.

A feira livre é considerada o espaço mais antigo de comercialização. Ela se manifesta como um local, para além dos aspectos mercadológicos de compra e venda de mercadorias, que engloba as questões sociais, ambientais e culturais, implicando uma característica muito

peculiar, que é aproximar quem consome e quem produz, favorecendo a troca de saberes e possibilitando a existência plural de outra economia (LIMA, 2016).

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor (IDEC) de 2017, no Brasil existem cerca de 657 feiras agroecológicas ou orgânicas, conforme descrito no Quadro 3.

**QUADRO 3 – DISTRIBUIÇÃO DE FEIRAS AGROECOLÓGICAS E ORGÂNICAS NO BRASIL**

<b>Regiões</b>	<b>Estado</b>	<b>Quantidade de feiras</b>
<b>Região Centro-Oeste</b>	Distrito Federal	39
	Goiás	7
	Mato Grosso do Sul	7
	Mato Grosso	6
	<b>Total</b>	<b>59</b>
<b>Região Nordeste</b>	Alagoas	6
	Bahia	33
	Ceará	14
	Maranhão	5
	Paraíba	19
	Pernambuco	47
	Piauí	5
	Rio Grande do Norte	14
	Sergipe	6
<b>Total</b>	<b>149</b>	
<b>Região Norte</b>	Acre	2
	Amazonas	3
	Amapá	1
	Pará	5
	Rondônia	4
	Roraima	3
	Tocantins	14
	<b>Total</b>	<b>32</b>
<b>Região Sudeste</b>	Espírito Santo	19
	Minas Gerais	32
	Rio de Janeiro	56
	São Paulo	139
	<b>Total</b>	<b>246</b>
<b>Região Sul</b>	Paraná	53
	Rio Grande do Sul	70
	Santa Catarina	48
	<b>Total</b>	<b>171</b>

Fonte: IDEC, 2017.

A Região Sudeste aparece em primeiro lugar, com a presença de 246 feiras agroecológicas ou orgânicas, representando, aproximadamente, 38% do total de feiras que ocorrem no Brasil, sendo o estado de São Paulo representante de aproximadamente 57% das

feiras que acontecem em maior escala na região. Em seguida aparece a Região Sul, com o total de 171 feiras desse tipo, o que representa mais ou menos 26% de sua distribuição de acordo com divisão por macrorregiões, tendo destaque o estado do Rio Grande do Sul, com um total de, aproximadamente, 41% das feiras que ocorrem na região.

Nesse bojo, o Nordeste representa 23% do total das feiras realizadas no país, equivalendo a 149 feiras, sendo os estados que mais se destacam Pernambuco, com cerca de 32%, e a Bahia, apresentando aproximadamente 22% das feiras concentradas nessa região. É o caso daquelas que ocorrem dentro de universidades: a Feira Agroecológica da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), que acontece todas as quintas-feiras, no câmpus I, bairro do Cabula, em Salvador; e a Feira Agroecológica da Universidade Federal da Bahia (UFBA), que acontece todas as sextas-feiras no bairro de Ondina, em Salvador.

As regiões que apresentam menor quantidade de feiras dessa natureza são o Centro-Oeste, com aproximadamente 9% (59 feiras), tendo destaque para o Distrito Federal, com mais ou menos 66% das feiras desse universo particular; e o Norte, com aproximadamente 5% do total das feiras existentes (32), com destaque para o estado de Tocantins, responsável por aproximadamente 44% das feiras existentes na região.

As informações obtidas por meio da análise do Quadro 3 nos leva a refletir sobre a influência da territorialidade no que tange às peculiaridades de cada território e às políticas de capacitação de recursos para a agricultura. Guanzirolí *et al.* (2001) explicam como esse processo ocorre no Brasil e estabelecem uma classificação para os tipos de agricultores familiares em relação à capitalização. Para isso, teorizam que

Os produtores do tipo A representam os capitalizados, os do tipo B, aqueles em processo de capitalização, os do tipo C, os em processo de descapitalização e os do tipo D, os descapitalizados. Dos 4.139.369 estabelecimentos familiares do Brasil 406.291 foram classificados como do tipo A. Eles ocupam 6,8% da área, absorvem 11,7% do financiamento total da agricultura e são responsáveis por 19,2% do VBP nacional. Considerando apenas os agricultores familiares, os do tipo A apresentam 10% dos estabelecimentos, ocupam 22% da área e são responsáveis por 58% do VBP e por 58% da renda total. Considerando o universo de agricultores familiares de todo o país, na região Nordeste encontram-se 64% dos estabelecimentos do tipo D, 51% do tipo C e 33% do tipo B. Por outro lado, os produtores do tipo A estão mais concentrados na região Sul e Sudeste (2001, p. 79).

De acordo com os autores, as regiões Sul e Sudeste caracterizam-se pela presença de produtores do tipo A, sendo, dessa forma, grandes capitalizadoras de recursos para a agricultura do país. Isso pode se refletir na agricultura familiar (camponesa), que é um dos grandes pilares da agroecologia. Isso, entre outras coisas, pode explicar o fato de essas regiões concentrarem o maior percentual de feiras agroecológicas. O incentivo do estado, por via das políticas públicas e de outras ações, pode ser relevante enquanto contribuição para que isso também ocorra.

#### **4. A EXPERIÊNCIA DO *DRIVE THRU* DA FEIRA DE SABERES E SABORES DA UEFS**

A atual pandemia de covid-19 exigiu adaptações nos modos de vida das sociedades de forma geral e abrupta. Seus efeitos se fazem sentir não apenas na esfera da saúde, mas também do ponto de vista econômico. Por isso, nota-se um esforço de algumas instituições, governamentais ou não, articulando-se com os trabalhadores e trabalhadoras, a fim de criar meios para que as

feiras agroecológicas continuem funcionando. Uma das alternativas utilizadas para tentar ajudar as feiras e as(os) produtoras(es) a continuar com suas atividades é o sistema *drive thru*.

A expressão *drive thru* significa “através do carro”. Ela permite que o consumidor adquira o produto sem precisar descer do veículo e é um serviço oferecido principalmente por empresas de *fast-food* que acabou sendo adotado por vários outros segmentos. Foi precisamente essa a forma encontrada para garantir renda para as(os) feirantes nesse momento de grave vulnerabilidade socioeconômica, ao tempo que se mantém o fornecimento de alimentos saudáveis, produzidos por agricultoras e agricultores familiares com métodos agroecológicos e/ou orgânicos de produção, e por trabalhadoras e trabalhadores que têm, entre seus lemas, a convivência baseada em valores como a gentileza, a não exploração e a luta por outras formas de produzir e trabalhar, que respeitem os valores fundamentais da vida humana e o meio ambiente

Percebe-se nesse momento que o apoio das universidades à realização das feiras nesse novo formato é muito importante, já que existem muitas feiras agroecológicas que são mantidas por meio de projetos universitários. “Um exemplo é a feira da UFBA, que realizou o *drive thru* não apenas como forma de promover a renda aos agricultores, mas para ensaiar soluções em situações de risco como a que estamos passando” (LIMA, 2020, p. 2).

A IEPS também realizou uma edição da Feira de Saberes e Sabores como *drive thru*, pensando não apenas em garantir alimentos saudáveis para os clientes, mas como forma de contribuir com as famílias de agricultoras e agricultores que estavam passando por dificuldades financeiras, sem perder de vista, em que pese às dificuldades tecnológicas, o processo educativo de trabalho. Nesse sentido, a seguir se discorrerá mais especificamente sobre essa última experiência, detalhando todos os movimentos realizados, bem como os erros e acertos.

### **O *drive thru*: do planejamento à prática**

A proposta do *drive thru* surgiu como alternativa viável e segura para a comercialização de produtos da feira permanente durante a pandemia. Alguns feirantes, junto à IEPS, preocupados com a questão socioeconômica dos participantes, articularam-se de forma a viabilizar tal realização.

Foram várias tentativas frustradas de planejamento entre os feirantes, por diferentes motivos: dificuldade de contato por telefone ou redes sociais (muitos estão em atividade produtiva grande parte do dia e não há um meio mais flexível para uma articulação eficiente; além disso, alguns não têm aparelho celular ou outro tipo de tecnologia, recorrendo, em caso de emergência, a aparelhos da vizinhança ou de familiares próximos); e rede de internet ruim (nas zonas rurais normalmente há esse tipo de dificuldade em função de sua localização).

Diante desse cenário, somente no mês de abril de 2020 pôde-se realizar uma reunião virtual da comissão organizadora, composta por agricultoras(es), bolsistas, professoras(es) e voluntárias(os). Foram realizadas duas reuniões por meio do aplicativo de mensagens WhatsApp no mesmo mês. Em ambas foram discutidos e avaliados alguns pontos, gerando um acúmulo coletivo do ponto de vista da organização e do fortalecimento de relações solidárias, nesse processo educativo e popular de trabalho. A Figura 2 ilustra os passos seguidos no planejamento da ação, desde os pontos observados e discutidos nas reuniões até a realização do *drive thru* propriamente dito.

FIGURA 2 – REPRESENTAÇÃO DO PROCESSO DE PLANEJAMENTO DO *DRIVE THRU*



Fonte: Moura, 2020.

É importante salientar que a primeira edição do *drive thru* da Feira de Saberes e Sabores contou com a parceria do Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Terceiro Grau (SINTEST) que, por eventualidade, realizava uma ação (evento) em comemoração ao Dia dos Trabalhadores no mesmo dia do *drive thru* e aproveitou a oportunidade para apoiar a iniciativa por meio da compra de produtos da Feira para presentear as trabalhadoras e os trabalhadores sindicalizados no seu dia.

Dessa forma, todo o planejamento também teve de incluir essa nova demanda. Como mostra a Figura 2, por meio das reuniões se chegou aos seguintes pontos e respectivas decisões sobre eles: i) localização dos produtos; ii) organização da produção; iii) articulação geral da entrega; iv) montagem dos pedidos; v) divulgação; e vi) organização das finanças, conforme seguem descritos.

### **Localização dos produtos**

Nesse ponto se discutiu a possibilidade de fixar um local de apoio para a recepção dos produtos, montagem dos pedidos e entrega. Esse espaço teria de ser de fácil acesso para as agricultoras e os agricultores e também para as consumidoras e os consumidores, uma vez

que na universidade a entrada e saída de pessoas ou veículos se encontra restrita. Também se decidiu o horário de funcionamento e o local da Feira, que aconteceria da seguinte forma: os(as) clientes receberiam os produtos nas quintas-feiras, mesmo dia em que eram realizadas as feiras normais, das 9h30min às 12h30min, em frente ao portão principal da UEFS.

### **Organização da produção**

A maioria das agricultoras e dos agricultores produz exclusivamente para a feira permanente. O planejamento de plantio é calculado em relação à demanda semanal, porém a comercialização na Feira é destinada ao público acadêmico e a bairros circunvizinhos da UEFS. Assim, a abertura da demanda em forma de *drive thru* poderia elevar ou reduzir o fluxo de consumidores – é importante dizer que muitas dessas(es) agricultoras(es) pararam suas atividades por conta do fechamento da universidade e que isso levou à redução da produção, por essa razão elas(es) teriam de reprogramar sua produção para a retomada das atividades.

Esse ponto implicou uma discussão sobre o prazo que seria estabelecido para o cliente encomendar os pedidos. Assim, acertou-se que as encomendas seriam feitas até as 18h da terça-feira que antecedia o dia da feira, para que houvesse tempo suficiente de organizar os produtos.

### **Articulação geral da entrega**

Trata-se de como as agricultoras e os agricultores iriam transportar os produtos até o ponto de apoio, em qual horário iriam chegar para a montagem dos pedidos até a entrega, quais agricultoras e agricultores iriam ficar para montar os pedidos, entre outros procedimentos.

Após discussões, decidiu-se que todas(os) as(os) agricultoras(es) envolvidas(os) deveriam transportar os produtos por conta própria e isso seria feito no mesmo dia da feira. Mas nem todos deveriam ajudar na montagem dos pedidos, já que a maioria está no grupo de risco com relação à covid-19. Por isso, grande parte das pessoas encarregadas dessa tarefa seriam os integrantes (bolsistas e professores) da IEPS.

### **Montagem dos pedidos**

Essa função estava ligada também à pessoa que ficaria responsável pela recepção e sistematização dos pedidos enviados pelos solicitantes. Sendo assim, decidiu-se que a pessoa que ficasse responsável por receber os pedidos seria a mesma responsável por organizá-los, fazer as etiquetas separando-as por nome para identificar as sacolas, devendo ainda considerar que, além dos pedidos avulsos, haveriam os pedidos do SINTEST, que deveriam ser organizados de forma separada. Observa-se, portanto, que essa versão da feira não seria exatamente um *drive thru*, pois os produtos não estariam à disposição dos clientes para que fossem escolhidos de dentro do carro, mas sim uma versão adaptada, na qual os pedidos já estariam separados, aguardando apenas o cliente chegar, pagar e levar.

### **Divulgação**

A divulgação da iniciativa ficou a cargo de todo o coletivo, visto que a propagação maciça da informação era necessária para que a primeira edição pudesse compensar de alguma forma as agricultoras e os agricultores por algum tempo paradas(os) sem comercialização. Elas(es) já teriam muitas despesas com a articulação da entrega, implementos para os produtos e o próprio trabalho, logo a iniciativa teria que, no mínimo, cobrir seus custos. Para isso, a comissão de divulgação, além de levantar custos e estabelecer preços, criou um cartaz com todas as informações do evento, que foi disponibilizado em todas as redes sociais disponíveis.

Além disso, também se acionou a rede de TV local para cobrir a realização da Feira no dia marcado.

### **Organização das finanças**

A organização das finanças é um processo complexo e de alta responsabilidade, pois envolve fluxo monetário. Dessa forma, algumas indagações surgiram em torno dos responsáveis financeiros: qual seria a forma de pagamento dos demandantes? Seria necessária uma conta bancária para depósito dos valores? Como seria feita a prestação de contas? Como seria a forma segura de manipulação dos valores em vista dos riscos de contágio da covid-19?

Depois de discussões, decidiu-se que os pagamentos seriam recebidos via cartão de crédito e a maquineta utilizada seria de um dos feirantes, que repassaria os valores para as(os) outras(os) feirantes posteriormente. O uso da maquineta foi pensado para que houvesse diminuição do contato com cédulas de dinheiro, diminuindo o risco de contaminação. A prestação de contas seria feita com base no número de pedidos que cada feirante recebeu, após cálculo do volume de encomendas de cada um.

O planejamento foi realizado de forma coletiva e democrática entre os presentes. Portanto, cada ponto foi discutido de forma que todos pudessem dar suas sugestões e apresentar as problemáticas que envolviam todo o processo. Provavelmente por isso o sistema *drive thru* tenha representado a culminância de um processo educativo de trabalho com experiências acumuladas e boas relações, inclusive possibilitando a utilização compartilhada e articulada de diversos meios tecnológicos, tanto convencionais, quanto sociais.

### **O *drive thru* na prática: desafios e problemáticas**

A parceira com o SINTEST mostrou-se positiva para todas as pessoas envolvidas, uma vez que não havia dimensão da demanda e, portanto, havia o risco de não haver pedidos suficientes para compensar o esforço, principalmente no que diz respeito ao deslocamento das(os) feirantes. Entretanto, surpreendentemente, houve 85 pedidos do SINTEST e 20 avulsos. Isso nos mostrou que, se não houvesse o apoio do sindicato, talvez o trabalho não fosse compensado economicamente.

O dia do *drive thru* propriamente dito demandou bastante energia. Assim como outras iniciativas, a Feira na versão *drive thru* surgiu como alternativa emergencial de geração de renda durante a pandemia de covid-19. Por isso, mesmo tomando as devidas precauções por meio do planejamento, sempre com a participação das(os) agricultoras(e) envolvidas(os), percebeu-se que, na prática, a realização desse formato de feira requer, além de um planejamento horizontal e participativo, uma percepção antecipada das problemáticas, que para nós só foram visibilizadas durante a realização do *drive thru*.

Um dos problemas diz respeito ao contato com os agricultores, pois a maioria mora em área com sinal de internet e celular ruim, dificultando os trâmites. Outra coisa diz respeito à idade dessas pessoas, pois muitos fazem parte do grupo de risco, mas por falta de alternativa tiveram de levar seus produtos até o ponto de entrega, expondo-se de alguma forma à possibilidade de contágio pelo Sars-coV-2. Também foi utilizada a máquina de cartão de crédito para o caso de clientes que não pagaram antecipadamente, e por mais que fossem utilizados os equipamentos de proteção individual (EPIs) devidos, não deixou de haver algum grau de risco.

A participação das pessoas envolvidas na Feira e dos membros da Incubadora/Projeto se fez imprescindível para o acontecimento do *drive thru*. O volume de pedidos foi além do

esperado, requerendo mais pessoal, tanto para a recepção dos pedidos quanto para a distribuição dos produtos, algo que seria inviável diante dos riscos de contaminação por aglomeração.

Em síntese, a principal problemática foi aliar a necessidade de realização de uma feira em que o máximo de produtoras e produtores pudesse participar da organização e vender, sem expor essas pessoas aos riscos de contaminação, garantindo a eficiência e qualidade na entrega. Na prática, essa combinação foi difícil de equacionar.

Trata-se de um trabalho bastante minucioso, haja vista que os pedidos foram entregues fechados com a identificação do cliente, impossibilitando a conferência de cada produto pelo consumidor, o que também foi uma forma de evitar aglomeração. Nesse sentido, a confiança estabelecida entre feirantes e clientes foi imprescindível para que não houvesse problemas quanto à entrega.

A experiência do *drive thru* revelou-se muito importante, principalmente, para as produtoras e os produtores, já que representou uma renda naquele momento, mesmo considerando os riscos. Além disso, depois dessa experiência, outros processos, a exemplo da entrega direta e da distribuição solidária, se desenrolaram em algumas comunidades. Entretanto, diante dos percalços, a Incubadora e os produtores decidiram suspender a realização de outras edições e pensar em outras formas de ajudá-los com riscos reduzidos, ainda que as necessidades persistam. Com efeito, esse processo organizativo de trabalho provocou e possibilitou discussões que rendem por todo tempo decorrido depois do evento e vem revelando ponderações relevantes entre todas(os) as(os) trabalhadoras(es) envolvidos(as) no processo de incubação.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Economia Popular e Solidária, enquanto outra forma de economia, tem alguns diferenciais em relação à economia convencional, porém um deles merece destaque: a relevância do caráter humano das relações, inclusive das econômicas. Por isso, ela jamais deve ser tratada de forma apartada da Agroecologia, pois se considera que a ciência que preconiza a produção limpa não se resume a isso, mas leva em conta as consumidoras e os consumidores como gente, como seres capazes de escolher o que comem e de ensinar com isso, pois entendem a articulação da origem de sua comida. Essa compreensão foi uma das inferências relevantes observadas no processo que culminou na feira *drive thru*. O ser agroecológico não é só quem planta, pois quem acaba colhendo os benefícios também é quem está na ponta, ou seja, a consumidora ou o consumidor.

Compreende-se, diante das reflexões, que seria quase impossível realizar um projeto como a Feira de Saberes e Sabores da UEFS sem beber das fontes teóricas aqui trabalhadas, pois todas elas se desdobram sobre assentos que, de alguma forma, envolvem a Feira e os trabalhadores, não havendo dissociação. O caráter humano na Feira é o que dá sentido ao trabalho e concede a nota da solidariedade ao projeto, refletido nas ações cotidianas em torno da organização dos trabalhadores e trabalhadoras. O *drive thru* foi também o reflexo de todo o processo, pois nenhuma das pessoas envolvidas tinha essa obrigação, mas ainda assim todas estiveram presentes e com disposição para ajudar. Mesmo aquelas(es) que foram buscar seus produtos se mostraram solidárias(os) na espera e também na atitude de sair de bairros distantes para prestigiar a iniciativa.

Portanto, em que pese sempre torcermos por dias melhores com a superação da pandemia, percebemos que é o lado humano das relações sociais que acaba fazendo a diferença nos momentos de tensão em formato de solidariedade, por isso evocamos uma economia política dos setores populares (economia de pessoas) e não a economia da relação entre coisas (convencional).

É por essas e outras experiências que, durante o trabalho com o *drive thru*, valeram muito a pena tanto os estudos sobre os temas inerentes e como pensá-los na pesquisa, bem como a organização e a solidariedade de classe entre os trabalhadores e as trabalhadoras. Inferimos, por fim, em nossas reflexões, que o processo educativo de trabalho protagonizado pelos trabalhadores envolvidos na ação nos mostrou uma solidariedade de classe apesar da crise pandêmica, desencadeando o envolvimento sem grandes dificuldades de todos do projeto e de fora dele (como do Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Terceiro Grau da Bahia-SINTEST-BA).

## REFERÊNCIAS

ALTIERI, M. **Agroecologia**: bases científicas para uma agricultura sustentável. São Paulo: Expressão Popular, 2002.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. **Agroecologia**: alguns conceitos e princípios. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004.

FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho de. Teoria e prática em economia solidária: problemática, desafios e vocação. **Civitas – Revista de Ciências Sociais**, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 155-174, jan.- jun. 2007. DOI 10.15448/1984-7289.2007.1.2041. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/2041>. Acesso em: 24 jul. 2020.

GOERCK, C. Economia Popular Solidária: no processo de reestruturação produtiva brasileira. **Textos & Contextos**, Porto Alegre, n. 4, dez. 2005. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=321527157011>. Acesso em: 24 jul. 2020.

GUANZIROLI, Carlos *et al.* **Agricultura familiar e reforma agrária no século XXI**. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE DEFESA DO CONSUMIDOR. Mapa de Feiras Orgânicas. Disponível em: <https://idec.org.br/noticia/mapa-de-feiras-organicas-nova-versao-traz-receitas-e-mais-conteudo>. Acesso em: 28 nov. 2020.

INCUBADORA DE INICIATIVAS DA ECONOMIA POPULAR E SOLIDÁRIA DA UEFS. **Diagnóstico sociodemográfico sobre os feirantes da feira de saberes e sabores da UEFS. 2020**. Disponível em: <http://incubadorauefs.blogspot.com/>. Acesso em: 24 ago. 2020.

KRAYCHETE, Gabriel; LARA, Francisco; COSTA, Beatriz. (Org.). **Economia dos setores populares**: entre a realidade e a utopia. Petrópolis: Vozes, 2000.

LIMA, José Raimundo de Oliveira. Economia Popular e Solidária e desenvolvimento local: relação protagonizada pela organicidade das iniciativas. **Otra Economia**, v. 10, ed. 18, p. 3-17, jan.-jun. 2016. DOI 0.4013/otra.2016.1018.01. Disponível em: <https://revistaotraeconomia.org/index.php/otraeconomia/article/view/otra.2016.1018.01/5337>. Acesso em: 24 ago. 2020.

LIMA, Josanidia Santana. **Avaliando o drive thru da Feira Agroecológica da UFBA**. 2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/feiraagroecologicaufba>. Acesso em: 27 jul. 2020.

MOURA, Lucivânia S. **Guia de realização do drive thru da feira**. Feira de Santana, 2020. Folheto.

MOURA, Lucivânia S.; TELES, Alessandra O. A Feira de Saberes e Sabores da UEFS como referência para realização de outras feiras. *In*: JORNADA DE EXTENSÃO DA UEFS, 13., 2019, Feira de Santana. **Anais [...]**. Feira de Santana: UEFS, 2019. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/index.php/AJEUFS/article/view/5372>. Acesso em: 24 jul. 2020.

PEREIRA, Ailma Oliveira *et al.* Feiras livres universitárias como espaços diferenciados de produção e comercialização: um estudo sobre a feira agroecológica da UFBA. No prelo.

RAZETTO, L. O papel central do trabalho e a economia de solidariedade. **Proposta**, v. 75, p. 91-99, dez.-fev. 1997.

SINGER, Paul. Economia Solidária: um modo de produção e distribuição. *In*: SINGER, Paul; SOUZA, André Ricardo de. (Org.). **A Economia Solidária no Brasil**: a autogestão como resposta ao desemprego. São Paulo: Contexto, 2000. p. 11-28.

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

VASCONCELLOS, Marco Antônio Sandoval de. **Economia**: micro e macro. São Paulo: Atlas, 2006.

*Recebido em: 31/08/2020*

*Aceito para publicação em: 30/11/2020*